

## **A cidade, as fotos e as suas inscrições: a formatação de mapas através de registros fotográficos**

Vitor José Braga Mota Gomes  
Paulo Victor Sousa  
Universidade Federal da Bahia

### **Resumo**

Esse artigo pretende explorar as possibilidades de formatação de mapas através de registros das passagens urbanas de usuários em sites de compartilhamento de fotografias. Nesse sentido, analisa como redes heterogêneas, compostas por variáveis sociais e técnicas, se associam para que se resultem as inscrições nas cidades, formatadas a partir de informações geo-localizadas possíveis pelo site *Flickr*. Para tanto, a pesquisa empírica se debruça no trabalho do artista Eric Fischer, que com o projeto *Locals and Tourists* busca apresentar de que forma usuários – moradores ou visitantes de uma determinada cidade – registram os lugares visitados por meio de suas fotos em sites de redes sociais.

### **Palavras-chave**

Redes sociais; Compartilhamento de fotografias; Teoria ator-rede; Senso de lugar; Flickr.

### **Abstract**

This article aims to explore the possibilities of formatting maps by the records of the urban movement of users in photo-sharing sites. In this sense, it analyses at how heterogeneous networks, composed of social and technical variables, combine to result in inscriptions in the cities, formed by geo-located informations, which is possible by the site Flickr. For doing this, the empirical research focuses on the work of artist Eric Fischer, who with *Locals and Tourists* project seeks to present how users – locals or visitors of a given city – record the places visited through your photos on social networking sites.

### **Key words**

Social Networks; Photo-sharing; Actor Network Theory; Sense of place; Flickr.

## **1. Introdução**

As ciências sociais buscaram, ao longo tempo, empreender programas de pesquisa que fossem capazes de dar conta da compreensão de dinâmicas decorrentes das redes sociais, nos mais diversos ambientes. Tais ciências, então, puseram em prática a análise dos processos de interação decorrentes de dois ou mais indivíduos desconsiderando, no geral, a possibilidade de uma agência de não-humanos que, a depender da situação, podem se apresentar também como intervenientes no referido

processo. Estes se constituem como qualquer componente externo aos atores humanos, que de algum modo interferem na constituição das sociabilidades.

Trazendo a discussão para redes na internet, é preciso se dar conta da presença de variáveis técnicas específicas para cada ambiente interativo, o que revela uma atenção para o que deve ser levado em conta em cada cenário que se dão as ações especificamente, nos quais produzem mecanismos de interação que os tornam únicos; mesmo que estes se tratem de compartilhamento de conteúdos semelhantes, como vídeos ou imagens.

No caso das redes de compartilhamento de conteúdos, são então levantadas outras problemáticas de compreensão da presença de variáveis sociais e técnicas na constituição do que seriam as interações possíveis nesses ambientes, a depender das possibilidades existentes; estas são fornecidas pela equipe desenvolvedora dos sites, numa busca constante por promover mecanismos para o estabelecimento de estratégias de representação e de interação entre usuários e grupos – ainda que nem sempre alterações e inserções de novas ferramentas na plataforma venham a ser bem recebidas pelo público.

Com relação ao *Flickr*, site de compartilhamento de fotografias, é possível perceber a existência de mecanismos fomentadores de interações que servem para que os usuários operem na construção de representações de si (GOFFMAN, 1999). Um dos recursos é a inserção de informações de geo-localizações nas fotos, por meio das quais é possíveis saber o local exato em que cada foto foi realizada pelo usuário. Explorando esse recurso, o artista Eric Fischer criou mapas de grandes cidades formatados através dessas informações dos lugares. Mapas os quais podem servir na comparação da movimentação das pessoas nos centros urbanos.

Tendo em vista o referido projeto, esse artigo pretende, então, investigar a imbricação desses humanos e não-humanos na formatação dessas anotações urbanas, concebidas em mapas por meio das redes de compartilhamento de fotografias. Para tanto, faz uso da Teoria Ator-Rede, ao buscar compreender como atores oriundos de diversas situações – humanos ou não – se engajam em um determinado processo de modo a criar redes heterogêneas, concebidas em mapas. Assim, o artigo tem como lente interpretativa a agência desses objetos técnicos na visualização das páginas do usuário Eric Fischer, no *Flickr* – mais especificamente o seu projeto *Locals and tourists*. Ainda, nessa pesquisa serão analisados as constituições de redes tendo em vista a

heterogeneidade dos envolvidos, quer sejam as câmeras, os fotógrafos ou as paisagens urbanas.

## 2. Digressão sobre redes e actantes

Com o intuito de empreender uma análise que possa dar conta de uma rede dinâmica, que é o resultado de associações de atores das mais diferentes situações, fazemos uso aqui da Teoria Ator-Rede, principalmente pela possibilidade que a mesma tem de nos dar a compreensão dos fenômenos sob um ponto de vista relacional, refutando a existência de uma essência única e enfatizando as ações situadas nos contextos que as mesmas se dão – sem com isto cair no risco de um relativismo absoluto.

A Teoria Ator-Rede (TAR) é oriunda do imbricamento da filosofia da técnica com a sociologia; trata-se de uma corrente de pesquisa contemporânea oriunda principalmente dos estudos de Bruno Latour – e impulsionada por autores como John Law, Michel Callon e Felix Stalder –, quando buscou compreender, através de uma abordagem interdisciplinar, os processos de construção de sociabilidades na sociedade, mas sem ignorar o ambiente em que se dá a situação e a presença de outros atores – no caso, os não-humanos –, os quais também fazem parte do processo, sem a existência de uma hierarquia.

Uma das argumentações centrais é a de que o conhecimento é um produto social e não algo gerado por meio da operação de um método científico isento, imparcial (LATOURE & WOOLGAR, 1997). O texto explicativo não é uma essência em si, nem a verdade sobre os fatos, mas a dobradura de toda uma história, de todo um processo que se pontualiza (*punctualization*) nele. É da mesma forma uma ficção criada – mas nem por isso é tido como falso. Cabe ao analista, aquele que observa um fenômeno, a produção social dos fatos (daí a explanação ficcional), que serão sempre versões inacabadas, em contínuo processo de negociação com atores das mais diferentes situações. Nessa perspectiva, a observação dos fenômenos procura adotar uma lente interpretativa que dê conta dos mesmos como um produto ou um efeito de uma rede de materiais heterogêneos.

Tal heterogeneidade é uma constante na Teoria Ator-Rede, pois a mesma busca compreender os processos de estabelecimento de laços considerando o ambiente e a

presença de variáveis sociais e técnicas, as quais seriam fundamentais no desenvolvimento das ações. É com base nessas ações que a TAR tem como premissa que tudo se dá nas associações entre actantes; daí reside o argumento de Latour (2005), ao compreender a referida teoria como uma sociologia das associações. Dessa forma, os sociólogos treinados em TAR, ao invés de observarem aspectos residuais, olham para as agregações como sendo explicáveis por meio das ligações providas pelos diversos elementos da sociedade. Não utilizam, pois, a generalização do termo “sociedade” para um movimento tautológico de retro-explicação.

Partindo desse pressuposto, é possível inferir que os actantes são *isomórficos* (STALDER, 1997a): se comportarão de acordo com a situação e com as associações que fará com os outros actantes em um dado processo interativo – a depender do contexto: no ambiente familiar, do colégio, do trabalho, ou em redes de compartilhamento na internet. Como aponta Couldry (2004), não há condições ideais para a representação dos actantes; tudo se dá a partir do ambiente da interação.

Então, Law (1992), defende que os agentes sociais nunca estão localizadas nos órgãos e organismos por si só, mas trata-se de uma rede padrão de relações heterogêneas, ou um efeito produzido por essa rede – gerado nas redes que passam e se ramificam dentro e fora do corpo. Daí o termo ator-rede – ele é também, sempre, uma rede. Ator, nesse sentido, é um elemento central em meio a outras entidades. As ações não partem dele, mas a ele são direcionadas, fazendo-o agir por decorrência. Assim, o estabelecimento de relações afetivas, troca de interesses comuns e discussões acerca de alguma questão nas redes de compartilhamento de conteúdos podem ser compreendidos como através dos seres humanos e dos recursos e dispositivos existentes nos ambientes.

Ao tratar sobre a utilização dos métodos e conceitos da sociologia em sua forma mais tradicional, Latour (2005) nos fala da necessidade de não iniciarmos nossas análises tendo por bases determinados *a priori*. A crítica aí se dá quanto ao uso de quadros de referências em termos de estabilidade: tais quadros, em linhas gerais, são simplesmente aceitos, tidos incontestáveis e, assim, raramente mudam. Para o autor, a “sociologia do social” ainda tem sua utilidade, mas apenas para as situações de mutação lenta, advertindo que, em relação a conjunturas dotadas de muitas variações e proliferações, outras formas de observação são necessárias. Daí seu pensamento focado em atores-rede, em suas conexões e suas ações ininterruptas.

O uso do termo *actantes*, advindo da semiótica, ajusta a compreensão do fenômeno das interações ao descrever entidades que atuam em uma trama, na qual podem adquirir um papel figurativo ou não figurativo – um “cidadão”, uma “arma”. Daí nessa hibridização entre vários actantes são formatados os programas de ação. Tal programa é compreendido por meio da *prescrição* dos actantes (LATOURE, 1992; STALDER, 1997). Ou seja, seria a prescrição o motivo no qual actantes desempenhariam suas funções para o estabelecimento de uma coesão. Para tanto, a atividade de criar inscrições – concebida no processo de mediação da composição – se materializa nas prescrições de um determinado objeto. Prescrição é, segundo Akrich & Latour (1992) o que um dispositivo permite ou proíbe aos actantes, o que isto antecipa. A mesma servirá como guia para interações entre actantes numa dada situação.

Em consonância com a prescrição, a equipe desenvolvedora dos objetos técnicos também opera no sentido dos mesmos funcionarem de forma regular, na qual não seja percebida toda a estrutura de actantes envolvidos; e esse objeto se apresenta aos demais actantes em uma forma de caixa preta (*Black Box*); quando uma dada associação converge de forma eficiente, não se percebe problemas e assim a rede vira uma caixa preta. É em virtude dessa capacidade dos actantes humanos em transformar os objetos em caixas pretas que se criam dependências, de forma mútua, dos actantes não-humanos com os humanos.

Heterogeneidade é outro aspecto central de uma rede estável. Quanto mais diversos elementos estão inter-relacionadas, mais complexo e estável a rede se torna (STALDER, 1997). Essa seria o que John Law (1992), ao compreender o funcionamento de sistemas baseado na Teoria Ator-Rede, considerou como uma *rede heterogênea*. Ou seja, Law argumenta que o conhecimento adquirido pelos actantes humanos é incorporado em uma variedade de formas materiais. Em uma rede heterogênea, cada elemento é mantido no lugar através de um conjunto de vínculos com outros actantes.

A hipótese da Teoria Ator-Rede sobre de que modo são concebidas essas caixas pretas – nas quais são daí delegadas suas funções – é de que se trata do produto final de um trabalho de *bits*, informações e “pedaços” heterogêneos: tubos de ensaio, mãos hábeis, microscópios eletrônicos, cientistas, artigos, terminais de computador, dentre outros; estes funcionam isoladamente, mas são justapostos (Law, 1992). Sem esquecer, como diz Stalder (1997), as diversas situações desses actantes: um carro pode envolver

pesquisas de materiais do século XIX, matérias-primas e produtos fabricados em diversas cidades, etc. Na mesma linha de pensamento, Latour (2002) vai dizer que, na ação técnica, estão constituídos tempo, espaço e os tipos de actantes.

Portanto, pela noção de mediação, é necessário então negar a causalidade, a separação entre sujeito-objeto e evitar alocar a intencionalidade apenas aos seres humanos. Como defende Lemos (2010, p. 8): “Os objetos técnicos não são passivos, obedecendo a ordens de um sujeito humano. A mediação é um elo que coloca os sujeitos em relação, humanos e não humanos. São eles que agenciam e produzem transformações nas redes sociotécnicas”.

Então, Latour e Venn defendem (2002, p. 255):

a tecnologia, que não é nem apenas funcional, nem neutra, mescla seres em existências heterogêneas e inaugura uma história inesperada, intervém nas nossas seqüências de ação, criando um labirinto em nossos percursos. Esta característica dos aparatos tecnológicos estabelece uma incerteza entre os meios e os fins.

Qualquer técnica, por mais simples que seja, desloca, modifica a intenção inicial. Indivíduos mudam o fim, ao mudarem os meios. Se quiserem manter programas de ação intactos, não se deve passar por nenhuma forma de vida tecnológica. É precisamente essa capacidade de modificação que os faz mediadores – quando transfiguram, modificam, traduzem em outras formas aquilo com que entram em contato – ao invés de meros intermediários – quando apenas carregam algum sentido sem força de transformação alguma.

A partir do modo como a referida teoria compreende a formação de redes heterogêneas, constituídas através da interação entre actantes de diferentes naturezas – quer sejam humanos ou não – a pesquisa faz uso da teoria ator-rede ao aplicar tais pressupostos para as redes de compartilhamento de conteúdos fotográficos, os quais requerem a presença dos indivíduos e dos dispositivos técnicos no ambiente das mediações. Tais dispositivos são em si as caixas-pretas, resultado do desenvolvimento de câmeras digitais a partir da prescrição da equipe desenvolvedora, que possibilita a formatação das redes heterogêneas. Não só as câmeras, mas a evolução das mídias digitais também possibilitou a capacidade de produção de imagens a partir de outros dispositivos, como os *smartphones*.

As redes aqui estudadas são, então, o resultado mais ou menos solidificado de processos de tradução e de sua inscrição que, a partir das associações, vão sendo

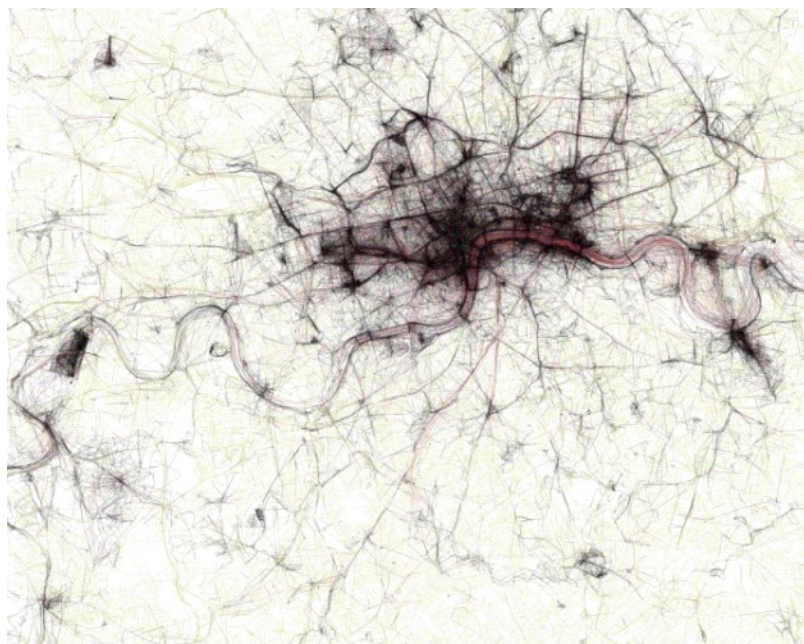


formatadas em “caixas pretas”, na qual indica que os recursos estão todos concentrados em alguns lugares, porém esses nós estão ligados uns com os outros por conexões. E a prescrição desses actantes é também formatada pela apropriação dos indivíduos.

### 3. Estudo de caso

O fotógrafo Eric Fischer criou mapas impressionantes dos lugares representados em grandes cidades no mundo, em função da densidade de fotografias tiradas nas mesmas. Os espaços retratados são corriqueiros: centros comerciais, pontos turísticos, regiões com vida maior concentração de bares e restaurantes de vida noturna. As localizações das fotos vêm das APIs públicas do *Picasa* e do *Flickr*. Os *scripts* geram *Postscript*, que depois foram convertidos em arquivo no formato *JPEG*.

Dentre os projetos desenvolvidos, cabe destacar o *Geotaggers' World Atlas*, realizado em 2010, que buscou formatar mapas ordenados pelo número de fotos tiradas no cluster central de cada um – provavelmente, regiões da cidade com maior visitação ou pontos turísticos. Neste, Nova York esteve no topo da lista (ver Figura 1).



**Figura 1: representação da cidade de Nova York, do *Geotaggers' World Atlas*. Fonte: <<http://www.flickr.com/photos/walkingsf/4621770253>>.**

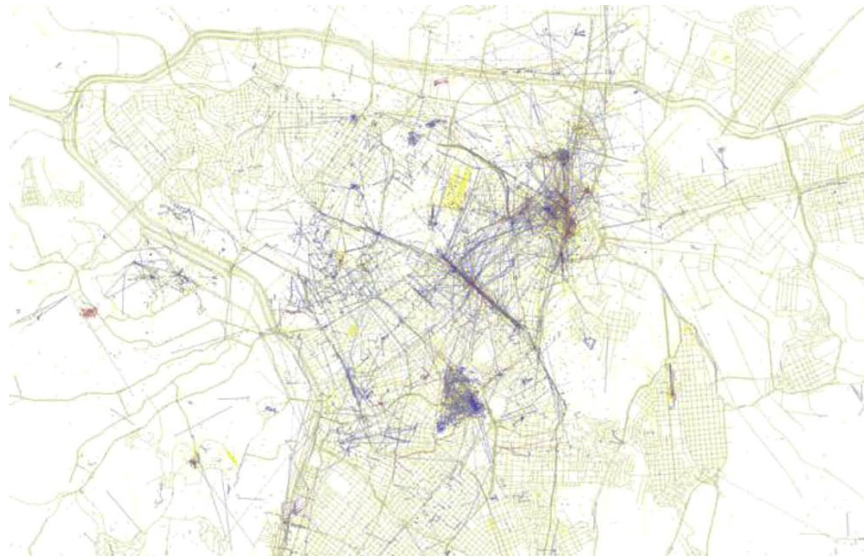
O projeto do artista inglês no qual nos detemos aqui é o *Locals and Tourists*, no qual se mostra, sobre bases cartográficas do *OpenStreetMap*, as diferenças de localização entre as fotos feitas por turistas e aquelas feitas por moradores locais. Esses

mapas são formatados a partir de informações contidas em cores, que representam fotos que foram publicadas com o recurso de localização “geotag”. Dessa forma, as escritas em azul referem-se às fotos tiradas por moradores da cidade, e aquelas em vermelho fazem referência às fotos de turistas; por fim, as marcações em amarelo surgem quando o sistema que o faz não consegue reconhecer a autoria – se é um morador ou um turista.

O responsável pela obra é Eric Fischer, que tem mapas de mais 80 cidades em seu álbum “Locals and tourists”, incluindo Londres, Nova York, Tóquio e vários outros destinos famosos. Uma atividade interessante e recorrente dentre os demais usuários do *Flickr* é vasculhar os mapas e identificar os trechos de cada cidade, realizando anotações sobre as imagens. No mapa de São Paulo, por exemplo, já foram identificados o Estádio do Morumbi, a Universidade de São Paulo (USP) e a Avenida Paulista (que concentra grande parte das fotos, sejam elas de turistas ou moradores).

A diferença entre turismo e moradia aqui torna-se bastante complexa e controversa diante do projeto em debate. Não fica claro na descrição da obra quais parâmetros, sejam técnicos ou conceituais, foram utilizados para essa demarcação. Também não se trata de trazer à tona definições formais: pela lógica da Teoria Ator-Rede, o mais válido seria suscitar questões em torno do assunto tendo em vista a disposição de actantes e da redes constituídas por suas mediações. Mais que um retrato fiel de nossas mobilizações diárias, por exemplo, os mapas de *Locals and Tourists* (ver Figura 2) nos colocam frente a várias representações possíveis das cidades. Representações, aliás, fluidas, moventes, instáveis como a própria vida de fato, já que não dependem exatamente de quadros de referências previamente estabelecidos, mas sim da ação cotidiana dos elementos que as constituem.





**Figura 2: representação da cidade de São Paulo, do *Locals and Tourists*. Fonte: <<http://www.flickr.com/photos/walkingsf/4671446659/>>.**

Dessa forma, Fischer comenta sobre o projeto na sua página do *Flickr* que é um pouco “injusto” para cidades policêntricas como Tóquio e Los Angeles, que tem colocação inferior a outras por existir “lacunas” onde ninguém fez fotos. Se as anotações realizadas através da quantidade de fotografias com geo-localização tomam como base os clusters, é possível que uma cidade como Tóquio possua muito mais fotos, em toda a sua cidade, do que Salvador, por exemplo, e essa última venha a ter um mapa melhor distribuído por fotos; porém, o sistema faz uma média a depender do lugar, dá um parâmetro a partir das regiões com mais fotos na cidade em questão, apenas.

### **3.1. Fotografia e mapeamento**

Pensar o rigor da cartografia em seus moldes oficiais nos leva a perceber um certo enrijecimento da vida social. Todos os elementos constituintes da cidade estão, de certa forma, fixados no tempo e no espaço: uma rua localizada depois de uma outra e antes de uma terceira; um museu alocado em certa esquina; um imóvel com a mesma numeração há décadas. Não que haja aí algum problema. Pelo contrário: tal dureza aplicada à dinâmica cotidiana apenas mostra que os lugares ganham, cada um, ao longo do tempo, seu próprio *status* – afinal o espaço, em termos abstratos, tem sido associado à mobilidade, passagem, rapidez, enquanto a ideia de lugar liga-se a uma historicidade, uma permanência num ponto fixo (ADAMS, 2004; CRESSWELL, 2010). Entretanto,

toda a história que cada ponto da cidade percorreu até atingir tal patamar de significado fica perdida em algum momento. Claro está que também não é possível traçar todos históricos em mapas ou placas, mas pensemos: o que faz determinada cidade ser reconhecida como majoritariamente turística? O que a faz um bairro ser voltado aos moradores locais? O que faz a Avenida Paulista ter fotografias de ambos os tipos?

O trabalho de Fischer não dá respostas a essas perguntas: apenas pode nos inclinar a fazê-las. Também não nega o caráter que algumas cidades possuem – olhando seus mapas, como não considerar uma ou outra dotada de espaços próprios à visita e à fotografia de marcos históricos? Embora não nos mostre a constituição e a cristalização de tais práticas, ao menos nos dá um entendimento dos movimentos que constituem as cidades. Ora, para Latour (1994), o próprio tempo não é passado, mas sempre atual – mesmo aquele que já se foi. Ele sempre se atualiza nas coisas presentes: estas simplesmente não existiriam se não tivessem transcorrido processos, elementos e todas aquelas ações que lhes dão existência hoje. Por esta ótica, é possível ver as cidades montadas a partir dos fluxos incessantes que as permeiam – fotografias de hoje e de alguns anos atrás dando forma a uma visualização que, de outra maneira, não seria possível.

Percebe-se também como essas cidades estão dispostas sob a forma de grandes redes, em que é possível compreender como as fotografias se posicionam tendo como base esses lugares julgados, a partir de vários critérios, como mais interessantes – os *hubs*. Fazendo uma analogia às redes, da mesma forma os indivíduos se agrupam em torno de *hubs*, as fotografias se concentram em torno destes, que se apresentam de forma geo-localizada. Em sua teoria ator-rede, Latour nos propõe um olhar performativo: nas dinâmicas sociais (incluindo aí igualmente elementos não-humanos), nossas associações são perenemente feitas e refeitas. Estão sempre em movimento e deixam rastros. São estes que devem estar na mira do pesquisador, e é precisamente rastro, em momentos diferentes, a matéria-prima e o resultado do trabalho de Fischer.

*Locals and Tourists* também nos coloca frente a diferentes espaços urbanos. Ainda que não os conheçamos, cada um de nós é capaz de imaginar ou lembrar de diversos fluxos comunicacionais e discursos jorrados sobre os lugares. Trata-se, com efeito, de identificar os lugares na mídia e perceber como os espaços dotados de significado são representados ou (re)criados pelos meios de comunicação (ADAMS, 2009). Nesse sentido, é possível refletir como as passagens das pessoas nas cidades são

influenciadas por uma rede de actantes que direciona aquilo que é cabível de ser visitado, e fotografado. Assim como defendeu Sontag (2004), o conhecimento que os indivíduos possuem das grandes cidades é fruto de uma promoção feita pela experiência mediada das imagens - de campanhas de turismo, ensaios fotográficos, álbuns de amigos e parentes - que agencia na atividade de visitação a algum lugar, que nos faz eleger aquilo que é “digno de conhecer e ser fotografado” na nossa experiência direta com o lugar.

Nessa perspectiva, acrescenta Sontag (2004), é possível termos uma perda no conhecimento do todo - de todos os lugares possíveis (e infinitos) de visitação -, ao mesmo tempo que nos ajuda a estabelecermos um conhecimento sobre lugares que nunca visitamos, embora a experiência no lugar possa ser diferente daquela que é mediada pela fotografia.

Pode ser que a obra de Fischer aponte apenas o fortalecimento dos discursos turísticos *mainstream*, e tal resultado já lhe daria grande valor por sua factualidade. De qualquer forma, a simples interseção entre os lugares e o que sobre eles é dito já um desdobramento dos processos dialéticos entre diferentes tipos espaços. Segundo Lefebvre (1991), num polo de materialidade temos o espaço percebido, aquele que dá lugar à práticas sociais, onde nossas ações se dão de fato. Do outro lado, numa perspectiva mais ideológica, encontramos o espaço concebido, típico objeto de arquitetos, engenheiros e demais profissionais do planejamento e administração urbanos. É um polo codificado, repleto de cognição e ideologia, inacessível à população em geral. No meio termo, porém, encontra-se o espaço vivido, onde nossas dinâmicas não se dão nem num nível totalmente abstrato nem num nível de plena concretude. Neste espaço se dão aqueles embates típicos entre planejamentos repletos de *a priori* e a prática social sorrateira, escorregadia.

Entretanto, é necessário enfatizar também o ambiente no qual as imagens estão situadas – nas redes de compartilhamento de fotografias. Isto porque nesses sites de redes sociais, a interação é parte de um processo de exposição do outro; pois “um dos principais aspectos deste fenômeno contemporâneo de exposição de si é a sua extrema ‘demanda’ pelo olhar do outro como meio de legitimação desta ‘intimidade’ que se dá a ver”, sugere Fernanda Bruno (2005, p. 56). Dessa forma, o usuário fará o gerenciamento de sua impressão de modo a atingir certas finalidades a uma certa rede na qual se relaciona; ou seja, caberá a ele fazer geo-referências a fotos que demonstrem suas

viagens, os lugares interessantes que conheceu, de modo a salientar aos demais suas preferências, revelando com isto traços de sua personalidade.

Isto é possível de ser constatado quando, no projeto de Eric Fischer, vemos que lugares de maiores concentrações de fotografias são aqueles onde possuem museus, parques bares, restaurantes e demais centros com vida noturna. Assim como foi pontuado por Sibilía (2005) a respeito de sites de compartilhamento, estas ferramentas estão construindo narrativas de si, visando sempre a compreensão de (i) qual a sua rede social, (ii) quais os seus gostos e as (iii) suas afinidades.

Dessa forma, o projeto de Fischer nos deflagra uma apropriação de espaços tendo em vista sua percepção, concepção ou vivência. Não são apenas as imagens legitimadas por campanhas publicitárias ou álbuns fotográficos dão moldes aos lugares, mas a interação entre todos os elementos dispostos em rede. O que temos em mãos, portanto, é uma constante transfiguração dos espaços. Nessa perspectiva, *Locals and Tourists*, ao mostrar a forma de apropriação dos lugares, consegue nos propor algumas questões: quais deles, dentre as cidades, bairros, ruas, avenidas e demais estruturas mapeadas, foram pensados para serem turísticos? Quais elementos urbanos foram concebidos para servirem de palco ao ciclo consumo/produção de fotografias? Que lugares fugiram do pensamento prévio, dos quadros de referência, dos moldes industrializados e foram tomados pelos turistas? E quais, pelo caminho inverso, voltaram-se ao uso de moradores locais?

Nessa linha de raciocínio, pensar nos diferentes espaços das cidades nos leva obrigatoriamente a lembrar de Heidegger (2008) e sua reflexão sobre o *de-morar-se* nos lugares. Creswell (2004) nos mostra que, dentre várias concepções, lugar comumente é compreendido como o espaço possuidor de significado. Não é de uma dimensão abstrata, como um receptáculo a conter seus elementos, da mesma forma como não é de uma noção efêmera, um traçado lépido e fugidio de uma relação passageira para com os indivíduos passantes. Ao contrário, lugar é um espaço dotado de história e identidade, algo que o faz significativo para uma pessoa ou um coletivo. Tal valor simbólico é o que o torna diferente do termo localização, o qual não passa de um sítio sem subjetividades aparentes, como no caso das indicações geográficas de latitude e longitude. Esta é uma visão humanista a fugir de abordagens gélidas que buscam o esquitejamento do mundo em regiões, por exemplo. E, ironicamente, Fischer utiliza-se desses mesmos dados geoespaciais e os transforma em lugares – ou em suas representações, como se queira.

Os espaços dos locais, assim, caracterizar-se-ia por uma afeição atribuída aos lugares, sejam estes pontos, linhas ou planos – um prédio, uma ponte, um bairro inteiro; seriam as associações entre esses actantes capazes de formatar as redes heterogêneas. Para Heidegger, construção e habitação são um movimento síncrono: “construir, no sentido de habitar, pode ser entendido tanto como cultivo e crescimento quanto a ação de edificar construções” (MEDEIROS, 2010, p. 45-6). Habitar o espaço tem, dessa forma, o sentido de trazer a paz do abrigo, numa relação que demora sobre aquele chão.

É claro, entretanto, que os valores atribuídos aos lugares não se dão apenas por moradores locais. Levando em conta a proposição de Fischer – mapear lugares por suas formas de apropriação a partir do turismo ou da moradia – não podemos dizer que exista algo de essencial nos espaços, a despeito, inclusive, de quaisquer tentativas anteriores de manejo de significado – ou seja, a concepção do espaço. Aliás, é exatamente essa a principal contribuição dada pela TAR no que tange à constituição da cidade: esta só existe nos momentos de associação, quando os actantes se colocam em mútua mediação.

Os mapas de Fischer podem, em certa medida, corroborar com um suposto agendamento e tradição das práticas turísticas, mas tal confirmação não entra em contradição com a proposta na Teoria Ator-Rede. Pelo contrário: *Locals and Tourists* só pode existir por conta da dinâmica entre locais e não-locais (ainda que tal contraponto não faça muito sentido para Latour), por conta da multiplicidade que só o espaço plenamente vivido (e não apenas friamente concebido) poderia fornecer. Voltamos ao que já foi afirmado: Fischer se utilizou de rastros – fotografias etiquetadas com marcadores geo-espaciais – e, partindo deles, criou um modo de visualização que é em si mesmo rastro do burburinho a tomar conta dos lugares mapeados.

#### **4. Conclusão**

A cidade se inscreve a partir dos agrupamentos entre regiões tidas como mais interessantes, enquanto as demais ficam esquecidas pelos olhares dos fotógrafos, amadores ou profissionais. Várias implicações pode-se fazer a esse respeito, inclusive políticas: a forma como uma cidade se estrutura em determinados centros – *hubs* – para receber turistas, em detrimento de outros bairros, que recebem menor atenção para projetos de revitalização e urbanização. Ou de que forma se diminui a visão de que se

tem de uma cidade quando toda a atenção se dá apenas em pontos específicos, que prescrevem um discurso monopolizante de um dado espaço.

Os mapas de Fischer são, a um passo, representações das cidades, mais do que quadros estáticos, um pouco delas também. Não teríamos a obra em questão sem existência de determinados elementos em rede: câmeras fotográficas, os próprios visitantes e moradores, o sistema de compartilhamento do *Flickr* e as interações entre seus usuários, o sistema de posicionamento global – GPS – e até os lugares visitados/vividos. Cada um desses actantes, à forma descrita pela TAR, atua na composição de outros elementos, ou caixas pretas. Ao perceber a constituição de processos a partir de associações, a Teoria Ator-Rede nos fornece um campo teórico extremamente rico para a problematização de atores humanos e não-humanos, no que resulta na compreensão do fenômeno analisado como o resultado de uma rede heterogênea.

Em outros momentos, intervenções artísticas como a de Eric Fischer teriam de ser feitas “à mão”, digamos – o que lhe daria, possivelmente, um título de artista plástico ou similar. Não vem ao caso a forma como podemos considerar seu trabalho. Vale, nesta abordagem, perceber o papel desempenhado por actantes outrora ausentes e que, por ora, colocam-se como mediadores de um amplo processo de compartilhar-mapear-representar.

### Referências bibliográficas

ADAMS, Paul. **Geographies of media and communication**: a critical introduction. United Kingdom: Wiley-Blackwell, 2009.

BRUNO, Fernanda. Quem está olhando? Variações do público e do privado em weblogs, fotologs e reality shows. In: **Contemporânea**, Vol. 3. Salvador-BA, Julho/Dezembro de 2005. Disponível em: [http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/v3n2\\_pdf\\_dez05/bruno-olhando-n3v2.pdf](http://www.contemporanea.poscom.ufba.br/v3n2_pdf_dez05/bruno-olhando-n3v2.pdf). Acesso em julho de 2011.

COULDRY, N. Actor network theory and media: do they connect and on what terms? In: HEPP, A. et al. (orgs). **Cultures of Connectivity**, 2004. Disponível em: [http://www.lse.ac.uk/collections/media@lse/pdf/Couldry\\_ActorNetworkTheoryMedia.pdf](http://www.lse.ac.uk/collections/media@lse/pdf/Couldry_ActorNetworkTheoryMedia.pdf). Acesso em julho de 2011.

CRESSWELL, Tim. **Place**: a short introduction. Malden: Blackwell, 2004.



FLICKR ERIC FISCHER. Disponível em <http://www.flickr.com/walkingsf>. Acesso em julho de 2011.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1999.

HEIDEGGER, Martin. **Ensaio e conferências**. Petrópolis: Vozes, 2008.

LATOUR, Bruno; WOOLGAR, Steve. **Vida de Laboratório: A produção dos Fatos Científicos**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1997.

LATOUR, Bruno. **Reassembling the social: An introduction to Actor-Network Theory**. Oxford University Press, 2005.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de antropologia simétrica**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

LATOUR, Bruno; VENN, Couze. Morality and Technology: The End of the Means. In: **Theory, Culture & Society**, V. 19; 247. Nova York: Sage publications, 2002.

LAW, John. (1992). Notes on the theory of the actornetwork: ordering, strategy and heterogeneity. In: **Systems Practice**, V. 5(4): 379-393. Disponível em: <http://www.comp.lancs.ac.uk/sociology/papers/LawNotesonANT.pdf>. Acesso em julho de 2011.

LEFEBVRE, Henri. **The production of space**. London: Blackwell Publishing, 1991.

LEMOS, André. Você está aqui! Mídia locativa e teorias “Materialidades da Comunicação e “Ator-Rede”. In: **Anais do XIX Encontro da Compós**, na UFRJ, Rio de Janeiro, junho de 2010. Disponível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_1477.doc](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1477.doc). Acesso em julho de 2011.

MEDEIROS, Macello. O lugar na comunicação: um estudo sobre a comunicação locativa em zonas bluetooth. **Tese de doutorado**. Universidade Federal da Bahia, 2010.

SIBILIA, Paula. Blogs, fotologs, videologs y webcams: El show de la vida íntima en Internet. In: **Lucera**, v. 10, p. 4-11, 2005.

SONTAG, Susan. **Sobre Fotografia**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2004.

STALDER, Felix. Latour and ActorNetwork Theory. In: **Nettime**. 1997a. Disponível em: <http://amsterdam.nettime.org/ListsArchives/nettime19709/msg00012.html>. Acesso em julho de 2011.

STALDER, Felix; CLEMENT, Andrew. Actor Network Theory and Communication Networks: Toward Convergence. In: **Notes & Nodes**, 1997b. Disponível em: [http://felix.openflows.com/html/Network\\_Theory.html](http://felix.openflows.com/html/Network_Theory.html). Acesso em julho de 2011.



